



# LENDÁRIOS

TRACY DEONN



LENDÁRIOS

# LENDÁRIOS

LEGENDBORN

TRACY DEONN

Tradução de Jim Anotsu



Copyright © 2020 by Tracy Deonn Walker

TÍTULO ORIGINAL

Legendborn

PREPARAÇÃO

Júlia Ribeiro

REVISÃO

Ulisses Teixeira

Thaís Entriel

Pedro Proença

LEITURA SENSÍVEL

Olívia Pilar

Vic Vieira

DIAGRAMAÇÃO E ADAPTAÇÃO DE CAPA

Julio Moreira | Equatorium Design

DESIGN DE CAPA E PROJETO GRÁFICO

Laura Eckes

ILUSTRAÇÃO DE CAPA

© 2020 by Hillary Wilson

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

D466L

Deonn, Tracy

Lendários / Tracy Deonn ; tradução Jim Anotsu. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2021.

592 p. ; 23 cm. (Lendários ; 1)

Tradução de: Legendborn

ISBN 978-65-5560-265-4

1. Ficção americana. I. Anotsu, Jim. II. Título. III. Série

21-71480

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

[2021]

*Todos os direitos desta edição reservados à*

Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

# PRÓLOGO

O CORPO DO POLICIAL vira um borrão, mas logo fica nítido outra vez.

Eu não olho para ele diretamente. Não consigo focar em nada nesta sala, mas, quando o encaro, seu rosto brilha.

Seu distintivo, a plaquinha retangular com seu nome, seu prendedor de gravata... Todos os detalhes metálicos no peito dele vibram e brilham como moedas no fundo de uma fonte. Nada nele parece sólido, nada nele parece real.

Mas não penso nisso. Não posso.

Na verdade, tudo parece algo de outro mundo quando você está chorando sem parar há três horas.

O policial e a enfermeira trouxeram meu pai e a mim para uma salinha verde-hortelã. Agora estão sentados do outro lado da mesa. Eles dizem que estão “explicando a situação” para nós. Estas pessoas não parecem reais, mas “a situação” que eles continuam explicando para nós também não parece.

Não choro pela morte da minha mãe. Ou por mim mesma. Choro porque estes estranhos no hospital — a enfermeira, o médico, o policial — não conhecem a minha mãe, e ainda assim foram eles que estavam ao seu lado quando ela morreu. E quando algum ente querido seu morre, você precisa ouvir estranhos transformando os seus pesadelos em realidade por meio de palavras.

— Nós a encontramos na rota 70 por volta das oito da noite — diz o policial.

O ar-condicionado começa a funcionar. O cheiro forte de sabonete hospitalar e desinfetante atinge nosso rosto.

Eu escuto gente que não conheço usando verbos no pretérito para se referir à minha mãe, a pessoa que me trouxe ao mundo e criou meu presente. Estão colocando o meu coração no passado — todo o meu ser, sangrando, dilacerado — bem diante de mim.

É uma *violação*.

Os estranhos uniformizados me rasgam com suas palavras, mas só estão fazendo o trabalho deles. Não posso gritar com pessoas que só estão fazendo o trabalho delas, posso?

Mas quero.

Meu pai se senta em uma cadeira acolchoada de vinil. Ela range quando ele se inclina para a frente e lê parágrafos com letrinhas pequenas em pedaços de papel. De onde veio essa papelada? Quem tem essa papelada pronta sobre a morte da minha mãe? Por que *eles* estão prontos e *eu* não?

Meu pai faz perguntas, assina o nome dele, pisca, respira, assente. Eu me pergunto como ele consegue. A vida da minha mãe chegou ao fim. Tudo e todos não deveriam deixar de viver também?

Ela foi esmagada dentro do sedã da nossa família, o corpo semidestroçado embaixo do painel depois que alguém bateu no carro e não prestou socorro. Ela ficou sozinha até que um bom samaritano gentil e provavelmente assustado viu o veículo capotado do outro lado da estrada.

Uma linha vermelho-sangue conecta as últimas palavras que falei para a minha mãe — na noite passada, com raiva — com outra noite de fevereiro. Uma noite em que a minha melhor amiga, Alice, e eu, sentadas no porão da casa de dois andares dos pais dela, decidimos que estudar no Programa de Entrada Universitária da Universidade da Carolina do Norte – Chapel Hill era o nosso sonho. *Estudantes brilhantes podem ganhar créditos universitários ao longo de dois anos, experimentar a vida em dormitórios e se tornar independentes.* Pelo menos era isso que o livreto dizia. Para mim e Alice, o programa era a chance de duas meninas pertencentes a minorias saírem de uma cidadezinha

rural na Carolina do Norte. Para nós, o programa significava ideias e salas de aula maiores. E *aventura*. Preenchemos nossas inscrições juntas. Fomos até a agência de correios de Bentonville depois da aula juntas. Colocamos os envelopes na esteira juntas. Se conseguíssemos entrar na UCN, deixaríamos o colégio de Bentonville para trás e iríamos para um dormitório universitário a quatro horas de distância — e para longe de pais que às vezes nos sufocavam tanto que mal conseguíamos respirar.

Uma década antes de eu ter nascido, minha mãe se formou na UCN. Uma cientista em ascensão. Eu ouvi as histórias por anos. Vi as fotos emolduradas de experimentos químicos complexos: béqueres e pipetas de vidro, óculos de proteção pousados em suas maçãs do rosto protuberantes. Isso tudo foi culpa dela, na verdade. Foi ela quem plantou essa semente na minha cabeça. Pelo menos era isso que eu dizia para mim mesma.

Nossas cartas com a resposta da universidade chegaram ontem. Os pais de Alice sabiam que ela tinha se inscrito. Ficaram radiantes, como se fossem *eles* que tivessem sido aceitos.

Eu sabia que não seria desse jeito comigo. Fiz a inscrição escondida da minha mãe, torcendo para que, assim que eu entrasse, assim que eu recebesse aquela carta, ela abrisse mão da necessidade de me manter por perto. Entreguei a carta em papel branco e azul para ela, sorrindo como se estivesse segurando um troféu.

Nunca a vi com tanta raiva.

Minha mente não aceita o lugar em que o meu corpo está agora. Ela cataloga as últimas trinta e seis horas na esperança de encontrar o *motivo* desta sala hospitalar.

Noite passada: ela rugiu, falando de confiança e segurança e de não se apressar para crescer. Eu gritei, falando de injustiça, do que eu merecia e de como precisava me afastar daquela cidade.

Hoje de manhã: eu ainda estava espumando de ódio quando acordei. Na minha cama, prometi que não falaria com ela o dia inteiro. Aquela promessa fez com que eu me sentisse bem.

Hoje: uma terça-feira comum, exceto que, para mim, carregava a teimosia implícita do *a gente conversa mais tarde*.

Hoje à noite: ela estava voltando para casa do trabalho no fim do dia.

Então: um carro.

Agora: a sala verde e pálida e o cheiro de desinfetante que queima minhas narinas.

Para sempre: *a gente conversa mais tarde* não é a mesma coisa que *a gente nunca mais vai conversar*.

A linha vermelho-sangue que teve início em fevereiro e chegou até este momento me aperta com força, como se eu nunca mais fosse respirar, mas, mesmo assim, o policial continua falando, brilhando e reluzindo.

O ar ao redor dele parece vivo. Como se o homem estivesse banhado em magia.

Mas quando seu mundo inteiro está desmoronando, um pouquinho de magia não é... nada.





PARTE UM

---

ORDEM



UM CALOURO DA UCN corre pela escuridão e se joga de um penhasco, para dentro da noite iluminada pela lua.

O grito dele faz com que passarinhos até então sonolentos levantem voo. O barulho ecoa contra a face rochosa que circunda a Pedreira de Eno. Lanternas acompanham o corpo em queda, os braços se contorcendo e as pernas chutando, até que ele atinge a água com um estalo. Na colina acima, trinta universitários celebram, seu júbilo reverberando por entre os pinheiros. Como uma constelação em movimento, feixes de luz cônicos passam pela superfície do lago. Todos prendem a respiração. Os olhos atentos. Esperando. Então, o rapaz emerge da água com um rugido, e a multidão explode.

Pular de uma colina é a diversão perfeita para garotos brancos do Sul: audácia rural, uma lanterninha de bolso como precaução e um desafio. Não consigo desviar o olhar. Cada corrida arrasta meus próprios pés alguns centímetros para mais perto da beirada. Cada salto no vazio, cada pular antes da queda, acende uma fagulha de desejo selvagem em meu peito.

Retenho aquele desejo. Tranco-o. Bloqueio-o com placas de madeira.

— Ele teve sorte de não ter quebrado a droga das pernas — murmura Alice com sua voz melodiosa.

Ela debocha, se esticando um pouco para ver o saltador sorridente agarando pedras afiadas e vinhas expostas para escalar a rocha. O cabelo liso e preto-carvão dela está grudado no rosto. A umidade quente e gosmenta do fim de agosto oprime nossa pele. Meus cachos já estão presos em um coque, afastados o máximo possível da nuca, então dou a ela o elástico extra que está em meu pulso. Ela o pega em silêncio e faz um rabo de cavalo.

— Eu li sobre essa pedreira no caminho para cá. De tempos em tempos, jovens se machucam, caem nas pedras, se afogam. A gente não vai pular de jeito nenhum, e já está ficando tarde. Temos que ir.

— Por quê? Só porque você está sendo devorada pelos mosquitos?

Eu bato em algo pequeno, zunindo e se mexendo perto do braço dela. Ela mantém o olhar fixo em mim.

— Eu me sinto ultrajada por essa sua tentativa fracassada de jogar a culpa em mim. Não é o comportamento de uma melhor amiga. Está demitida.

Alice quer se formar em sociologia, depois, talvez, estudar direito. Ela me interroga desde que nós tínhamos dez anos de idade.

Reviro os olhos.

— Você já me demitiu do cargo de melhor amiga umas cinquenta vezes desde que éramos crianças e *mesmo assim* continua me readmitindo. Esse emprego é um saco. O RH é um pesadelo.

— E *mesmo assim* você continua voltando. Evidência, ainda que circunstancial, de que gosta do trabalho.

Dou de ombros.

— O salário é bom.

— Você *sabe* por que não gosto disso.

Eu sei. Não tinha exatamente *planejado* infringir a lei em nossa primeira noite no campus, mas, depois do jantar, uma oportunidade se apresentou na forma de Charlotte Simpson, uma garota que conhecíamos do colégio de Bentonville. Charlotte meteu a cabeça no nosso dormitório antes que terminássemos de desfazer as malas e exigiu que saíssemos com ela à noite. Depois de dois anos no Programa de Entrada Universitária, ela havia se matriculado na Universidade da Carolina do Norte e, aparentemente, passou a ser figurinha carimbada em todas as festas.

Durante o dia, o Parque Estadual do Rio Eno ficava aberto a todos que quisessem caminhar, acampar e andar de caiaque, mas, se você se infiltrasse depois que os portões estivessem fechados, como todos os jovens por aqui faziam, talvez, ou muito certamente, seria considerado um invasor. Não era algo que em geral eu faria, mas Charlotte explicou que a véspera do primeiro dia de aula é especial. É tradição os calouros e veteranos fazerem uma festa na pedreira. Também é tradição os calouros pularem da encosta no lago. O parque cortava os condados de Orange e Durham e ficava ao norte da rodovia I-85, a cerca de vinte e cinco minutos de distância do campus da universidade. Charlotte nos levou no seu velho Jeep prateado, e, durante a viagem inteira, senti o desconforto de Alice do meu lado no banco de trás, nervosa por conta da ilegalidade do que estávamos prestes a fazer.

A risada espontânea do saltador emerge da colina antes mesmo de sua cabeça. Eu não me lembro da última vez em que a minha risada soou daquele jeito.

— Você não gosta disso porque é — baixo a voz até um sussurro dramático — *contra as regras?*

Os olhos escuros de Alice pegam fogo atrás dos óculos.

— Ser pega fora do campus durante a noite dá explosão *automática*.

— Relaxa, Hermione. Charlotte falou que um monte de gente faz isso todo ano.

Outro saltador avança pela mata. Um mergulho mais profundo. Gritos de comemoração. Alice indica os outros estudantes com o queixo.

— Lá estão eles. Me diz por que  *você quer ficar aqui?*

*Porque não consigo apenas ficar sentada no nosso quarto agora. Porque, desde que a minha mãe morreu, tem uma versão de mim que deseja quebrar coisas e gritar.*

Dou de ombros.

— Porque qual é a melhor forma de começar a nossa aventura senão com um *pouquinho* de rebeldia?

Ela não parece convencida.

— Alguém aí falou em rebeldia?

As botas de Charlotte esmagam as folhas e os galhos de pinheiros. O som afiado se destaca do zumbido dos grilos e da música grave e baixa que

sai das caixas de som vibrando em nossa direção. Ela para perto de mim e afasta o rabo de cavalo do ombro.

— Vocês vão pular? É tradição. — Ela sorri. — E é divertido.

— Não. — A palavra quase salta da boca de Alice. Alguma expressão deve ter aparecido meu rosto, porque Charlotte sorri, e Alice diz: — Bree...

— Você não vai cursar medicina ou algo do tipo, Charlotte? — pergunto. — Como pode ser tão inteligente e uma péssima influência?

— Estamos na faculdade — diz Charlotte, dando de ombros. — “Inteligente mas péssima influência” descreve metade dos estudantes.

— Char? — Uma voz masculina chama por trás de um pé de azevinho disforme.

Charlotte abre um sorriso de orelha a orelha antes mesmo de se virar para o ruivo alto que caminha em nossa direção. Ele está com um copo vermelho em uma das mãos e uma lanterna na outra.

— Oi, amor — diz Charlotte com uma voz melosa, e o saúda com um beijo risonho.

— Char? — sussurro para Alice, que está fazendo uma careta.

Quando eles se separam, Charlotte acena para nós.

— Amor, essas são as alunas novas da EU, lá da minha cidade. Bree e Alice. — Ela se enrosca nos braços do garoto feito um coala. — Pessoal, esse é o meu namorado. Evan Cooper.

Evan nos analisa por algum tempo, e me pergunto o que ele está pensando da gente.

Alice é taiwanesa-americana, baixa, magra, de olhos observadores e um quase constante sorriso de desdém no rosto. Seu *modus operandi* de se vestir é causar uma boa impressão “caso seja necessário” e, esta noite, ela escolheu uma calça jeans escura e uma blusa de bolinha com gola arredondada. Sob o escrutínio de Evan, ela ajeita os óculos redondos e dá um aceno tímido.

Eu tenho um metro e setenta — alta o suficiente para *talvez* me passar por uma universitária — e sou negra. Abençoada com as maçãs do rosto e as curvas da minha mãe e com os lábios grandes do meu pai. Vesti uma calça jeans velha e uma camiseta. Timidez não é muito a minha praia.

Evan arregala os olhos ao me ver.

— Você é a menina que perdeu a mãe, né? Bree Matthews?

Uma pontada de dor me invade, e então volto a erguer a barreira ao meu redor. A morte cria um universo alternativo, mas depois de três meses, tenho as ferramentas necessárias para viver nele.

Charlotte dá uma cotovelada no namorado, fuzilando-o com o olhar.

— O quê? — Ele ergue as mãos, confuso. — Você que falou...

— Me desculpe, Bree — diz Charlotte, cortando o namorado, morta de vergonha.

Minha barreira funciona de duas formas: ela esconde as coisas que preciso esconder e me ajuda a mostrar as coisas que preciso mostrar. Muito útil com a galera do “meus pêames”. Na minha mente, a barreira está reforçada agora. Mais forte que madeira, ferro, aço. Ela precisa ser assim porque sei o que vem logo em seguida: Charlotte e Evan vão soltar torrentes de palavras previsíveis que todo mundo fala quando percebem que estão diante da Menina que Perdeu a Mãe.

É uma espécie de Bingo do Console a Pessoa em Luto, com a diferença de que, quando todos os espaços são marcados, todo mundo perde.

Charlotte começa. *E lá vamos nós...*

— Como você está? Tem algo que eu possa fazer por você?

*Acerto duplo.*

As respostas verdadeiras para as duas perguntas? As respostas verdadeiras *mesmo*? *Nada bem e não*. Em vez disso, falo:

— Estou bem.

Ninguém quer escutar as respostas verdadeiras. O que a turma do “meus pêames” quer é se sentir bem por ter perguntado. Esse jogo é horrível.

— Eu nem consigo imaginar — murmura Charlotte, marcando outro quadradinho no bingo.

Eles *conseguem* imaginar, só não querem.

Algumas verdades são apenas ensinadas pela tragédia. A primeira que aprendi é que, quando as pessoas reconhecem a sua dor, elas querem que a sua dor também as reconheça. Eles *precisam* testemunhá-la em tempo real, ou você não está fazendo a sua parte. Os famintos olhos azuis de Charlotte

buscam pelas minhas lágrimas, pelo tremor em meu lábio inferior, mas minha barreira está erguida, então ela não vai conseguir nenhuma das duas coisas. O olhar ansioso de Evan caça meu luto e meu sofrimento, mas, quando levanto o queixo em desafio, ele desvia o olhar.

*Bom.*

— Sinto muito pela sua perda.

*Droga.*

E, com as palavras que mais desprezo, Evan fecha o bingo.

As pessoas perdem as coisas quando têm um lapso mental e esquecem onde determinado objeto foi parar. Depois, o encontram no lugar em que perderam. Mas a minha mãe não foi *perdida*. Ela morreu.

A Bree-de-Antes também morreu, mesmo que eu finja que não.

A Bree-de-Depois ganhou forma no dia seguinte à morte da minha mãe. Eu fui dormir naquela noite, e, quando acordei, ela estava lá. A Bree-de-Depois estava lá durante o velório. A Bree-de-Depois estava lá quando os vizinhos bateram na nossa porta para oferecer lamentos e travessas de comida. A Bree-de-Depois estava comigo quando os vizinhos finalmente foram embora. Mesmo que eu me lembre apenas de recortes enevoados do hospital — perda de memória relacionada ao trauma, de acordo com o livro estranho e maçante sobre luto que meu pai estava lendo —, eu tenho a Bree-de-Depois. Ela é uma lembrancinha indesejada que a morte me deu.

Na minha mente, a Bree-de-Depois quase se parece comigo. Alta, atlética, pele negra cheia de vida, ombros mais largos do que eu gostaria. Mas enquanto os meus cachos escuros e fechados em geral ficam no topo da minha cabeça, os cachos da Bree-de-Depois são livres e soltos como um carvalho vivo. Enquanto os meus olhos são castanhos, os dela são de um ocre escuro, carmesim e obsidiana de ferro fundido numa fornalha, porque a Bree-de-Depois está em constante estado de quase explosão. Fica pior à noite, quando ela dilacera minha pele e a dor é insuportável. Sussurramos juntas: *Me desculpe, mãe. É tudo culpa minha*. Ela vive e respira dentro do meu peito, um coração que bate além da minha própria vida e respiração, como um eco raivoso.

Contê-la é um trabalho em tempo integral.

## **PARTIR PARECIA A FUGA PERFEITA PARA BREE MATTHEWS. NA VERDADE, A ÚNICA FUGA POSSÍVEL.**

Após perder a mãe, tudo que a menina de dezesseis anos quer é se manter longe das lembranças e das palavras carregadas de ressentimento na última discussão que tiveram. Por isso, Bree decide entrar em um programa da Universidade da Carolina do Norte para estudantes de excelência acadêmica. Um novo começo, distante da pessoa que ela era antes de tudo desmoronar.

Mas então, em seu primeiro dia no novo lar, Bree vê um demônio, e essa descoberta aterrorizante a conduzirá até os Lendários, membros de uma ordem secreta formada por descendentes dos cavaleiros da Távola Redonda do rei Arthur, jovens responsáveis por caçar e destruir essas criaturas demoníacas e proteger a humanidade.

Aos poucos, entre memórias enevoadas, ela percebe que não é a primeira vez que se depara com os Lendários, e que esse reencontro pode não ser mera coincidência. Com a ajuda de Nick, um ex-membro que quer distância da Ordem, Bree se infiltra nesse mundo de magia, privilégios e segredos para descobrir o que realmente aconteceu em seu passado. Ela só não contava que precisaria lidar com a desconfiança de um feiticeiro misterioso e com uma verdade avassaladora: os Lendários não são os únicos com o dom da magia. Dentro de Bree há uma força ancestral que ela ainda não consegue entender, mas que pode ser decisiva quando Camlann, a guerra final entre magos e demônios, chegar. Resta a Bree decidir se usará essa força para se unir à luta da Ordem ou para destruí-la de vez.

*Lendários* é a estrei arrebatadora e premiada de Tracy Deonn, o primeiro volume de uma fantasia eletrizante e sensível sobre a jornada de uma jovem para entender a origem de suas dores e de seus poderes. Com uma narrativa poderosa e personagens marcantes, o livro figurou por semanas na lista de best-sellers do *The New York Times*, foi indicado ao Hugo Awards, um dos prêmios mais importantes de fantasia, e recebeu, entre outros, o Coretta Scott King-John Steptoe Award para Novos Talentos, concedido a livros jovens e adultos escritos por pessoas negras.

**SAIBA MAIS EM:**

<https://www.intrinseca.com.br/livro/1077/>